



FIFA WORLD CUP  
Qatar 2022

CORREIO BRAZILIENSE

SUPER

# ESPORTES

www.df.superesportes.com.br - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@adabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



13 • Brasília, segunda-feira, 21 de novembro de 2022

Odd Andersen/AFP

# Uma nação em catarse



De astro de Hollywood a influencer local e banda sul-coreana: a abertura da Copa do Mundo focou na diversidade

**Catar rebate críticas, relembra Copas passadas e sobe nível de aberturas do Mundial. Cerimônia fez menção às 32 seleções participantes, a mascotes, músicas de edições anteriores e teve discursos sobre inclusão**

JOÃO VITOR MARQUES  
Enviado Especial

**A**l Khor — Quem chegava ao Estádio Al Bayt no fim da tarde de ontem era saudado por um pelotão de camelos, alinhados sob o sol desértico. À medida que os minutos passavam, o céu assumia tom alaranjado e dava àquela cena a dramaticidade de um filme iraniano. Mas, na verdade, o cenário ganhava vida em Al Khor, cidade a cerca de 50 quilômetros de Doha. E aquele não era um longa-metragem, mas as boas-vindas

a quem chegava para a tão aguardada Cerimônia de Abertura da Copa do Mundo de 2022.

Os camelos foram uma espécie de convite para os estrangeiros conhecerem a cultura e as tradições locais. Poucos passos à frente, seis dançarinos — três homens e três mulheres — atraíram os olhares curiosos dos que passavam. Celulares apontados à frente para capturar os primeiros instantes de um Mundial cercado de expectativas, investimentos e críticas ferrenhas aos organizadores.

Em 2010, a escolha pelo Catar — e não os EUA — como sede do principal evento do futebol internacional foi cercada por acusações de compras de votos. A partir daí, o país ampliou os já crescentes investimentos em infraestrutura. O custo total da Copa chegou a 220 milhões de dólares (quase R\$ 1,2 trilhão), recorde histórico da competição. E o avanço das obras veio acompanhado de denúncias de trabalho análogo à escravidão.

Mulheres e a população LGBTQIA+ têm direitos suprimidos no país. Esse cenário fez com que o número de visitantes durante o evento fosse consideravelmente reduzido. “Eu chamei a minha esposa para vir, mas ela achou que é um país meio complicado para mulher... Ela queria vir, mas achou melhor não”, conta o mineiro Denilson Ribeiro de Santana, de 48 anos. O comerciante mora em Itaúna, Região Metropolitana de Belo Horizonte, e viajou sozinho ao Oriente Médio.

O contexto fez com que a maioria

masculina nos estádios de futebol se fizesse ainda mais perceptível. Nos arredores do estádio e nas arquibancadas, eram poucas as mulheres em uma arena que recebeu 67.372 torcedores. A Fifa não explicou como coube tanta gente no local, que oficialmente tem capacidade para 60 mil pessoas — o número será reduzido para 32 mil ao fim do Mundial.

Quem estava lá viu um espetáculo que tentou a todo custo descolar a imagem catari dos tantos problemas envolvidos no evento. Do início ao fim, a Cerimônia de Abertura repetiu o foco em inclusão, seja em discursos de personalidades do Ocidente e do Oriente Médio, seja nas bonitas apresentações de dança e música.

“Todos são bem-vindos”, disse Ghanim Al Muftah, influencer catari com síndrome de regressão caudal, uma má-formação rara que afeta o desenvolvimento da parte de baixo do corpo. O discurso que se descola da realidade guiou uma cerimônia dinâmica, que teve protagonismo masculino. A cantora catari Dana Al Fardan foi a única mulher com holofotes voltados para si durante o evento.

O ator estadunidense Morgan Freeman foi a voz da celebração. Ele conduziu boa parte da festa e reiterou o discurso de união. “Desta terra ouvimos um chamado para o mundo, para reconectar, para retornar apenas por um momento para o que nos agrupa, para o que nos junta nessa jornada do leste para o oeste. Nós nos movemos juntos buscando um objetivo”, pontuou.

Entre um discurso e outro, o ponto

alto da cerimônia foi mesmo o futebol. Tudo começou quando Marcel Desailly, zagueiro da França no título de 1998, levou o troféu ao gramado. Mascotes dos Mundiais passados apareceram no gramado para dar boas-vindas a La'eeb, inspirado nos lenços utilizados pelos homens árabes. Em outro momento, torcedores e bandeiras dos 32 países participantes entraram em campo ao som de músicas das torcidas.

Depois, o show em ritmo olímpico foi embalado por músicas de Copas passadas: de *The Cup Of Live* (1998) e *We Are One* (2014) à histórica *Waka Waka* (2010), eternizada na voz de Shakira. A cantora colombiana, aliás, recusou-se a cantar na abertura justamente por conta do histórico do Catar contra a comunidade LGBTQIA+.

A performance musical ficou a cargo do cantor sul-coreano Jung Kook, da banda de k-pop BTS, e do cantor catari Fahad Al-Kubaisi. Eles apresentaram a música *Dreamers*, mais uma da larga lista de canções produzidas para a Copa do Mundo de 2022.

Sentado ao lado do presidente da Fifa Gianni Infantino, o emir Tamim bin Hamad Al Thani foi o último a discursar e recebeu muitos aplausos das arquibancadas. “As pessoas, por mais que sejam de culturas, nacionalidades e orientações diferentes, vão se reunir aqui no Catar. Que beleza juntar todas essas diferenças”, disse, antes do show pirotécnico que encerrou uma Cerimônia de Abertura de nível claramente superior ao costumeiro em Copas do Mundo.

## ARTIGO

Por Marcos Paulo Lima



### Cerimônia evidencia um desejo olímpico

Foi disparada a melhor cerimônia de abertura de Copa do Mundo do século. A primeira edição no Oriente Médio deixou Japão e Coreia do Sul, Alemanha, África do

Sul, Brasil e Rússia por baixo. É óbvio, jorra dinheiro no Catar. Por isso, o país aproveitou o holofote para mandar um recado claro ao Comitê Olímpico Internacional (COI): ao transformar o torneio em uma Disney, com todos as 32 seleções se exibindo em um raio de 70km, o anfitrião manifesta o desejo de receber, em breve, os Jogos Olímpicos.

O investimento foi pesado. A presença do ator Morgan Freeman consolidou o tom cinematográfico. A retirada do fundo do baú das mascotes e dos temas de edições passadas comoveu até mesmo corações de pedra. *Waka Waka*, de Shakira, arrancou suspiros. Memórias do Mundial da África do Sul, quando o romance dela com o zagueiro Piqué era um mar de rosas.

A cerimônia saiu melhor do que a encomendada porque foi contratada pelo profissional certo. A Itália não se classificou para a Copa, mas foi muito bem representada pelo diretor Marco Balich. O primeiro evento do empreendedor foi simplesmente um concerto da banda Pink Floyd, em 1989. O espetáculo arrancou lágrimas da mãe dele.

Quando digo que o Catar cobiça os Jogos, Balich fortalece o argumento. Ele trabalha em eventos do COI. Produziu aberturas das versões de verão e inverno. Um dos truques é a imersão na cultura local. O espetáculo no Al Bayt Stadium, uma arena erguida no meio do deserto de Al Khor, conciliou modernidade e singeleza ao falar do Catar. Balich traduziu exatamente

o que desejava o Comitê Supremo. A narração explicou o que o Catar propõe: passou a ideia de um país que pretende ser um elo entre o Oriente e o Ocidente. Contraditório, levando-se em conta as polêmicas humanitárias anteriores ao início da competição e as leis do país.

Saudado pelo público, a mascote La'eeb abriu alas para o discurso do Emir do Catar, Tamin bin Hamad Al Thani. “Recebemos a todos de braços abertos. Trabalhamos e nos esforçamos para garantir o sucesso. Investimos para o bem da humanidade. As pessoas, por mais que sejam de culturas, nacionalidades e orientações diferentes, vão se reunir no Catar. Que beleza juntar essas diferenças. Desejo às seleções muito sucesso. Bem-vindos a Doha”.